

A Mona já não mais tão lisa...

Lélia Parreira Duarte

Memorial conceitual

Uma das funções da arte é testemunhar o seu tempo, marcando-se de cada vez com a beleza e os interesses próprios de sua época. Nesse sentido, a *Monalisa*, a célebre pintura de Leonardo da Vinci, é testemunha de um mundo clássico e de um tempo em que a arte tinha como referência a plenitude da vida e a superioridade de uma beleza em que predominava a racionalidade, a contenção e o equilíbrio, relacionados certamente a um mundo de poder e riquezas materiais. Nesse tempo, o autor/artista colocava-se como dono de certezas e verdades indiscutíveis, podendo por isso jogar com o seu receptor, a partir da aura enigmática em que envolvia a imagem construída.

Pode-se assim dizer que todo o extraordinário e harmônico efeito plástico da *Monalisa* de Leonardo da Vinci – de que faz parte inclusive a natureza representada no quadro – tem a ver com o fato de ser a mulher retratada um símbolo da virtude triunfante sobre o tempo, numa sugestão de poder que é visível até mesmo no olhar sedutor que aparentemente busca a cumplicidade, e no sorriso enigmático de uma nobreza que garante a superioridade pela manutenção de uma certa distância.

Essa postura clássica é ironicamente contestada, entretanto, com a evolução histórica, pois surgem perspectivas artísticas que retiram do centro das atenções esse mundo de riqueza e de valores materiais, valorizando-se então não mais o poder e as certezas, mas a pobreza, a decadência e a negatividade, vistas em outras camadas da população que nunca tinham sido contempladas com o olhar da arte.

Nessa outra perspectiva se enquadra esta “*Mona já não mais tão lisa...*”, que parodia reverentemente a original, mantendo dela alguns elementos – a ambiguidade do sorriso e a valorização das mãos e do olhar – trazidos para uma pós-modernidade que não é mais de fortaleza e riquezas, mas de secura, miséria e proximidade da morte, e em que não se tem mais a ilusão da plenitude da vida, testemunhando-se, pelo contrário, nas marcas da passagem do tempo, a decadência, a fragilidade e a proximidade da morte.

Resumo poético

Esta *Monalisa* tenta apresentar a imagem de uma nordestina envelhecida e ressecada, em que a pobreza e a frágil dignidade parodiam a atitude altaneira e a exuberante vitalidade da *Monalisa* clássica – símbolo da força da vida e da fecundidade – ligando-se as duas imagens a partir do olhar, do enigmático sorriso e da valorização das mãos.

Memorial descritivo da obra

Esta “*Mona já não mais tão lisa...*” foi feita através de composição e posterior plotagem de duas fotos de Sebastião Salgado (*Terra*, 1997, p. 21 e 36). Trata-se de duas trabalhadoras rurais do Ceará, que o fotógrafo vê como “bicho humano, endurecido, calejado”, que tem a dignidade e a pobreza como companheiras inseparáveis e enfrentam desde o nascimento até a morte a aridez da terra, as secas prolongadas e a exploração de seu trabalho. Da primeira retirei o rosto encarquilhado, em que se destacam os olhos e o sorriso, levemente irônico, semelhante ao da *Monalisa* clássica. Da segunda foto aproveitei o corpo desalentado e as mãos, cuja postura descontraída lembra a serenidade das mãos da *Monalisa*, substituindo entretanto a sua majestade e a sugestão de poder por uma atitude de desânimo e impotência. A “*Mona já não mais tão lisa...*” opõe portanto, ironicamente, à figura serena e majestosa

com que Leonardo da Vinci retrata o poder de seu tempo, a figura sofrida e a ausência de poder das trabalhadoras rurais das terras áridas do sertão nordestino. Apesar das diferenças que refletem mundos distintos, ou pelo menos outra forma de olhar o mundo, as duas Monalisas estão ligadas pelo enigma de um sorriso ambíguo, pela ironia de um olhar sedutor e pela expressividade das mãos. Assim, como toda obra de arte, contam com a cumplicidade do receptor para completá-las...

Dimensão: 1,20m X 0,80 m.

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2010